

Lilly Marcou

# A vida privada de Stálin

Tradução:  
André Telles

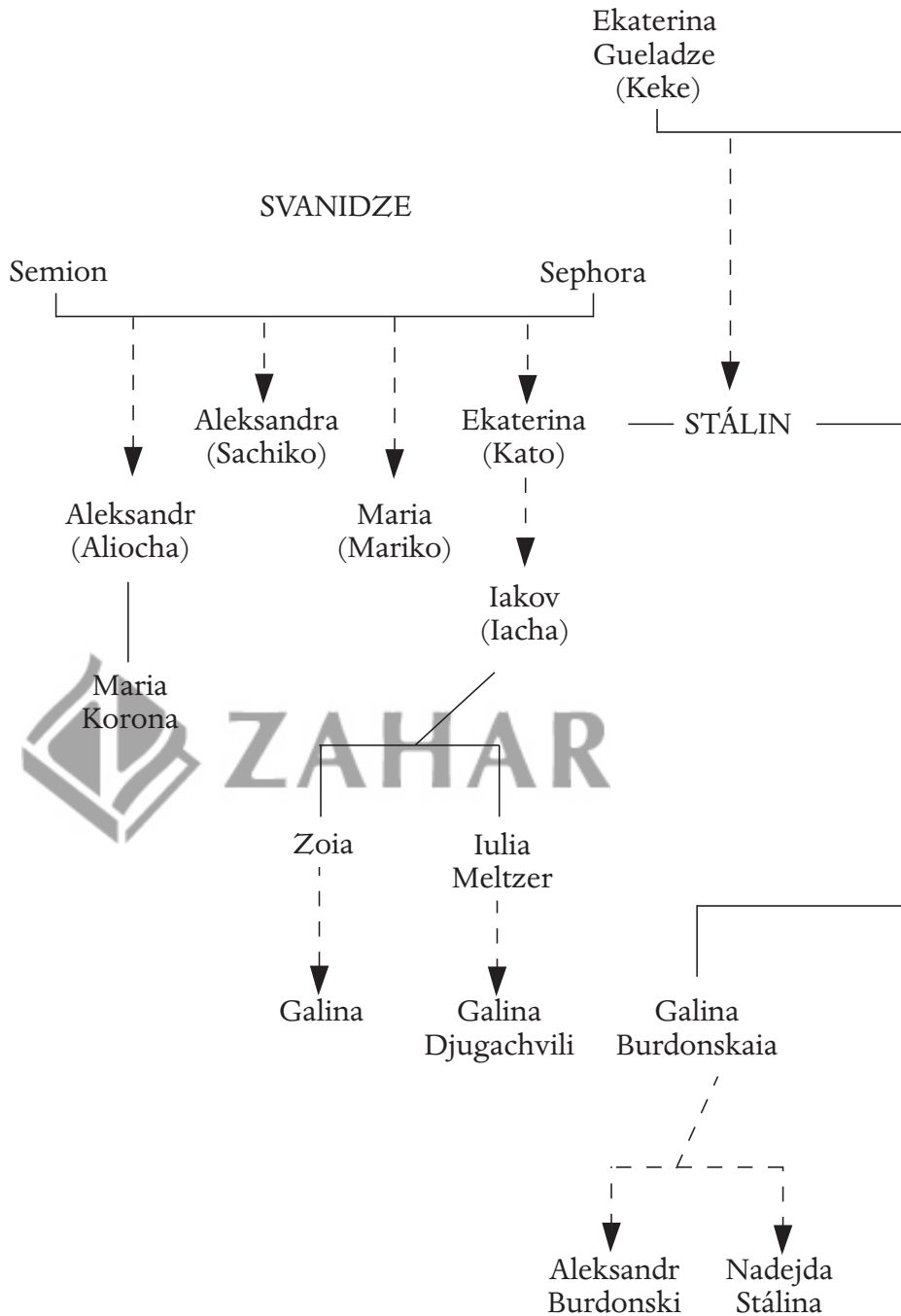


- Mamãe, lembra-se do nosso czar?
- Claro!
- Pois bem, de certa forma sou o novo czar...
- Pondo tudo na balança, você teria feito melhor virando padre.

*Diálogo entre Stálin e a mãe*

Portanto quem julgar necessário, em seu novo governo, controlar os inimigos, atrair os amigos, vencer por força ou astúcia, ser amado e temido pelo povo, acompanhar os soldados e ser por eles respeitado, arruinar os que podem ou inclinam-se a prejudicar-nos, modernizar mediante novos recursos os antigos costumes, ser rigoroso e benevolente, ativo e liberal, destruir uma milícia infiel, criar uma nova, manter-se amigo dos reis e príncipes, de maneira que eles o adulem voluntariamente ou não o prejudiquem sem inquietude, este não pode escolher exemplos mais recentes do que os feitos do duque de Valentinois.

MAQUIAVEL, *O príncipe*



— casamentos

- - ► filhos

Vissarion  
Djugachvili  
(Besso)

ALLILUYEV

Serguei

Olga

Nadejda  
(Nadia)

Fiódor

Anna

Stanislav  
Redens

Pável

Evguenia  
Zemlianitsina

Vassili  
(Vassia)

Svetlana

Ekaterina  
Timochenko

Kapitolina  
Vassilieva

Maria  
Nuzberg

Grigori  
Morozov

Iúri  
Jdanov

Wes  
Peters

Vassili  
Stálin

Svetlana  
Stáлина

Iosif  
Alliluyev

Katia  
Jdanova

Olga  
Peters

## Prólogo

O HOMEM STÁLIN ACABOU OFUSCADO pelo mito, cujo espectro determina toda a perspectiva do século XX. Neste livro, procuro descrever a vida privada desse homem, aludindo aos fatos históricos apenas quando necessários à inteligibilidade do itinerário pessoal do indivíduo ou quando permitem desvelar, nuançar ou transformar as interpretações julgadas definitivas. Por muito tempo a aura de “monstro abjeto” impediu que desvendássemos o enigma de um caráter. Decerto é tranquilizador pensar que o homem sob cujo regime tais horrores foram cometidos não pode ser senão um demônio: maneira de desculpar as pessoas que o cercavam, preservar o otimismo à la Rousseau quanto à inocência da natureza humana e banir dessa humanidade comum o único responsável pelos crimes perpetrados. Essa demonização de Stálin, contudo, não passa de preguiça intelectual, como sua deificação o fora ontem: fazendo-o existir em carne e osso, humano, demasiado humano, nem por isso ele se torna menos vulnerável ao julgamento da História.

Não ignoro que tentar captar a personalidade do homem Stálin, a partir de arquivos inéditos e conversas com os sobreviventes da linhagem familiar e do círculo mais íntimo, poderá parecer obsceno aos olhos de alguns. O quê?! Falar das emoções desse tirano sem levar em conta sua responsabilidade nos milhões de mortes pelas quais ele é culpado? Mergulhar sem ideias pré-concebidas nos ignóbeis segredinhos da história privada, deixando em segundo plano uma das maiores tragédias do século? A estes, faço questão de responder antecipadamente que minha proposta aqui não é promover um novo julgamento dos anos de terror stalinista: a causa é justa, e subscrevo-a. Acontece apenas que estou convencida de que, no

caso de um personagem dessa dimensão, não há “ignóbeis segredinhos”: toda e qualquer prova material que venha a surgir deve ser despejada no dossiê da História.

À exceção de numerosos e abalizados estudos dos soviétólogos ocidentais, a abertura dos arquivos soviéticos estimulou a publicação de livros que escapavam a qualquer rigor deontológico. A liberdade de expressão, em se tratando de um tema tabu, era confundida com o direito de falar qualquer coisa. Proliferaram então publicações fantasiosas e rocambolescas, que ainda pululam nas bancadas dos livreiros ambulantes pelas ruas de Moscou. Cumpria esperar por uma nova geração de historiadores que esmiuçassem os documentos com a única preocupação de apreender a verdade, para reconstituir uma história que deixara de ser prisioneira dos arquivos fechados.

EM BREVE COMPLETARÃO trinta anos que estudo a vida de Stálin, e cinquenta que o enigma Stálin me obceca. Nenhuma explicação jamais me convenceu inteiramente, ainda que eu concorde com as grandes biografias a ele dedicadas por Isaac Deutscher ou Robert C. Tucker, que muito me ensinaram e ajudaram a empreender minha própria reflexão. Portanto, o esboço biográfico que hoje apresento constitui a síntese de anos de estudos que nem por isso deixaram de resultar num saber sempre fragmentado e parcial, tão vasto é o tema. Ele não pretende elucidar todas as questões teóricas e históricas que o caso Stálin coloca para os pesquisadores. Procurar estudar a pessoa, sem cair no psicologismo, não tem como intenção qualquer tipo de reabilitação – operação impossível, parece-me, até para as gerações vindouras. Alimenta apenas a modesta ambição de, por meio das fontes primárias, inéditas em sua maioria, apreender a complexidade, as contradições e os paradoxos do personagem. Mergulhando nos arquivos de Stálin, busquei criar um vazío com relação a um saber por demais engessado, no intuito de captar o que há de novo, iluminar as zonas de sombra, fazer a mediação entre verdade e rumor, dirimir certas controvérsias e revelar aspectos ignorados ou des-

conhecidos.\* Se por um lado o retrato pessoal ganha proporções humanas, por outro ele só faz endurecer os traços de carácter daquele que sempre colocou acima de tudo seu credo revolucionário, a razão de Estado, o poder absoluto, a certeza de que ele e seus métodos fariam a felicidade de todos.

AOS CRIMES, ao terror e aos erros com que Stálin e seu reinado são confundidos há cerca de quarenta anos, esqueceram-se recentemente de acrescentar a esperança, o entusiasmo, o heroísmo, o espírito de sacrifício de que essa história “impossível” foi porta-voz. O roubo e a admiração despertados pela URSS e seu líder carismático nos anos 1930 e 1940 podem ter outras explicações que não a enganação, a mentira, o medo e a manipulação... Complexa e paradoxal, a URSS oferecia, aos que dela se aproximavam, um leque de sucessos e fracassos, de magia e tragédias ao mesmo tempo. Numerosos foram os que apreenderam esse carácter duplice de uma realidade inédita para a época. O Estado inovador fascinava; a utopia em vias de tornar-se realidade entusiasmava; o voluntarismo, transformado em valor fundamental, era contagiante.

Nem o relatório secreto de Kruchtchev, nem a glasnost de Gorbachev foram capazes de arrefecer, nas profundezas da memória coletiva da ex-sociedade soviética, a ideia de que a época stalinista foi igualmente motivo de glória e orgulho nacional para os povos da URSS. E de que o homem que a encarnou não é o único responsável pelo terror que a sacudiu.<sup>1</sup> Para todos, ele continua um gigante que marcou duradouramente o

---

\* Recusei-me a entrar numa polémica sobre afirmações difusas, não alicerçadas nos arquivos, como as de Victor Suvorov, que, por ter sido anteriormente agente dos serviços secretos militares soviéticos, julgou-se capaz de convencer o público com “revelações” segundo as quais Stálin teria ajudado Hitler a tomar o poder e deflagrado a Segunda Guerra Mundial, e preparava um ataque, às vésperas da invasão nazista da URSS, no intuito de conquistar a Europa. (Cf. Victor Suvorov, *Le brise-glace*, Paris, Orban, 1989.) Da mesma forma, recusei-me a participar de outra controvérsia – antiga e atual ao mesmo tempo – sobre Stálin como agente da Okhrana, que nenhum arquivo confirma e que Robert C. Tucker recusou de maneira científica em sua grande biografia *Staline révolutionnaire, 1879-1929, essai historique et psychologique* (Paris, Fayard, 1975, p.93-6).

século com seus crimes e suas vitórias. Nem epifenômeno, como pensava Roy Medvedev; nem termidoriano, como julgava Trótski, porque Stálin pretendia-se herdeiro fiel do legado leninista; nem causa de todos os males, como o acusava Kruchtchev, porque havia uma relação simbiótica entre ele e seu “mundo”.

